



<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/cantar-contar-imagear-sopros/>

Cantar, contar, imagear: sopros para uma educação intercultural indígena com Aldeia Ibiramã Kiriri do Acré

Rafael Caetano do Nascimento[1]

RESUMO: O artigo objetiva apresentar análises preliminares sobre as experiências do projeto de extensão “*Ciclos de oficinas de criação: entre palavras, imagens e sons com Aldeia Ibiramã Kiriri do Acré*” tecendo um diálogo entre a Filosofia da Diferença (Deleuze, 2018; Rolnik, 2018), a educação intercultural (Almeida, 2014) e os conceitos *imagear*, de Ferreira da Silva (2019), e *palavras germinantes*, de Nêgo Bispo (Dorneles, 2021). Cantar e contar foi o modo como o povo Kiriri do Acré se apropriou do espaço de criação coletiva aberto pelo projeto, o qual objetivou apoiar a Escola Estadual Indígena da aldeia com o desenvolvimento de atividades artísticas, culturais e educativas através de oficinas com caráter inventivo envolvendo práticas de desenho, fotografia e colagem, tendo como provocadores dos processos saberes Kiriri do Acré. Os resultados colocam em evidência um rico universo conceitual presente na cosmologia desse povo, assim como em seus saberes éticos e estéticos, que abre para pensar a escola desde um lugar onde cosmologias indígenas sejam criadoras de encontros entre constelações de seres visíveis e não-visíveis, humanos, não humanos e outros-que-humanos, adentrando dimensões éticas que podem reavivar a educação escolar no diálogo com as diversas manifestações de vida existentes na natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão Universitária. Educação Intercultural Indígena. Ancestralidade.

Cantar, contar, imagear: alientos para una educación intercultural indígena con Aldeia Ibiramã Kiriri do Acré

RESUMEN: El artículo tiene como objetivo presentar análisis preliminares sobre las experiencias del proyecto de extensión “*Ciclos de talleres de creación: entre palabras, imágenes y sonidos con Aldeia*



Ibiramã Kiriri do Acré”, tejiendo un diálogo entre la Filosofía de la Diferencia (Deleuze, 2018; Rolnik, 2018), la educación intercultural (Almeida, 2014) y los conceptos de imagear, de Ferreira da Silva (2019), y palabras germinantes, de Nêgo Bispo (Dorneles, 2021). Cantar y contar fue la forma en que el pueblo Kiriri do Acré se apropió del espacio de creación colectiva abierto por el proyecto, el cual tuvo como objetivo apoyar a la Escuela Estatal Indígena de la aldea mediante el desarrollo de actividades artísticas, culturales y educativas a través de talleres con un carácter inventivo, involucrando prácticas de dibujo, fotografía y collage, teniendo como provocadores de los procesos los saberes Kiriri do Acré. Los resultados destacan un rico universo conceptual presente en la cosmología de este pueblo, así como en sus saberes éticos y estéticos, que abre la posibilidad de pensar la escuela desde un lugar donde las cosmologías indígenas sean creadoras de encuentros entre constelaciones de seres visibles e invisibles, humanos, no humanos y otros-que-humanos, adentrándose en dimensiones éticas que pueden revitalizar la educación escolar en diálogo con las diversas manifestaciones de vida existentes en la naturaleza.

PALABRAS CLAVE: Extensión Universitaria. Educación Intercultural Indígena. Ancestralidad.

Introdução

Em um mundo governado cada vez mais por dispositivos biopolíticos, os quais colocam no centro de sua atividade política a docilização dos corpos e a normatização da vida de grupos e indivíduos, o ser humano é desapropriado de suas forças germinativas de si e de mundo, de sua pulsão de criação individual e coletiva (Rolnik, 2018). A educação, entendida aqui como uma arte de viver e, portanto, uma experiência ética-estética na produção de presenças no/com o mundo, aparece como trabalho micropolítico no sentido de proporcionar uma reapropriação ontológica ao ser humano e reestabelecer uma estética da existência a ser tecida pelos agenciamentos em encontros com variadas formas de vida (Rolnik, 2022).



Povos indígenas, com suas cosmovisões e regimes conceituais, instigam outros modos de se afetar, existir e compor com a vida e os seres (Krenak, 2019; 2020b; 2022; Wunder, 2017). Assim também ensinam o povo originário Kiriri do Acré que, em forte ligação com seus Mestres Encantados, provocam a pensar políticas de vida (Simas & Rufino, 2020) que se dão em uma ampla rede de relações com uma miríade de seres visíveis e não-visíveis, humanos e outros-que-humanos[2].

A Aldeia Ibiramã Kiriri do Acré está localizada no município de Caldas (MG) no bairro Rio Verde, a 170 Km da cidade de Campinas. Este povo é originário do oeste da Bahia, tendo se estabelecido desde a década de 80 no município de Muquém do São Francisco (BA). Parte da aldeia de Muquém migrou para a região de Caldas (MG) no ano de 2017 por motivos que envolvem a busca de terras férteis para plantios, questões ligadas às mudanças climáticas, alterações ambientais e diminuição da vazão do Rio São Francisco, devido a construção de barragens e sua transposição. Nessa busca de melhores condições para suas vidas e, assim, dar continuidade a seu modo de viver, atualmente são cerca de 13 famílias estabelecidas numa área reconhecida como Terra Indígena, mas aguardando a demarcação pela FUNAI, e uma população de aproximadamente 72 moradores (Ramos; Pankaru; Wunder, 2021).

A referida aldeia é a única na terra deste povo e está localizada no bairro rural Rio Verde do município de Caldas (MG). O bairro recebe o nome por conta que o Rio Verde atravessa o local. Nessa aldeia há uma escola, a Escola Estadual Indígena (EEI) Ibiramã Kiriri do Acré, a qual atende ao público da própria comunidade indígena. Recentemente começou a receber também crianças do bairro, ou seja, uma escola indígena que recebe crianças não-indígenas para estudar, sinalizando a relação de confiança que estabelecem com a vizinhança local. A escola atende desde o infantil até o ensino médio, e contempla também turmas da Educação de Jovens e Adultos. A equipe escolar é quase toda formada por indígenas da aldeia.

O povo Kiriri do Acré, assim como o povo Kiriri na Bahia, e tantos outros povos indígenas do Nordeste, são falantes do português devido à violenta perseguição de suas tradições por parte dos colonizadores desde quando chegaram nessas terras. Os Kiriri do Acré explicam que, para os colonos, a “língua materna se mostrava como um difícil obstáculo para a colonização” e que,



posteriormente, com o projeto colonial de integração do indígena à sociedade nacional como trabalhador brasileiro, reduziram mais uma vez a variedade linguística em uma única língua, “obrigando homens e mulheres indígenas a frequentarem escolas para que pudessem aprender a única língua que seria falada no país, o português” (Ramos; Pankaru; Wunder, 2021, p.93). Desse modo, os Kiriri não falam mais sua língua materna, a língua Kipeá, a qual vem sendo objeto de resgate por parte deste mesmo povo por meio de sua tradição no Ritual da Ciência, onde estabelecem uma ligação com seus Mestres Encantados.

O trecho citado acima de Ramos; Pankaru; Wunder (2021) remete a questão da educação escolar entre povos indígenas no Brasil, a qual, como apontam Cohn & Santana (2016, p.62), “tem uma longa história, que remonta aos tempos coloniais, a partir da ação catequética empreendida pelos jesuítas”. Em uma análise antropológica das experiências escolares indígenas no Brasil, Cohn & Santana (2016) concluem ser recente “que as escolas têm crescido em número e importância política para os indígenas” (p.80) e que

a escola, marcada historicamente pelo esforço de “integração do índio à sociedade nacional”, passa a ser uma parte importante da política dos próprios indígenas, uma parte de sua vida em que temas como a definição das identidades indígenas, da cultura indígena, dos processos próprios de ensino e aprendizagem, dos conhecimentos indígenas, assim como processos de aparentamento e construção de coletivos, ganham o foco de atenção e da prática (Cohn & Santana, 2016, p.80).

Nesse sentido, a autora e autor (2016) apontam que olhar para os modos como as mais variadas comunidades indígenas praticam a escola, é olhar também para o modo como se constituem enquanto indígenas. Ocupar e fazer valer nesse espaço, historicamente ocupado por saberes colonizantes, os saberes produzidos em suas próprias sociedades, é reconhecê-los como saberes que podem integrar dos processos educativos dentro de suas escolas, fazendo da educação intercultural preconizada para as escolas indígenas um rompimento com o modelo de racionalidade colonialista (Knapp & Martins, 2017).

Segundo Apinajé (2017, p.79), são as escolas que devem acompanhar “as comunidades, povo ou aldeia em suas práticas cotidianas. É o conhecimento indígena que deve prevalecer e não a ordem ou palavra do outro. Isso é incabível. É uma maneira de alegar que a sociedade indígena não tem



sua organização própria ou leis próprias”. Apesar de grandes avanços nas últimas décadas em relação à educação escolar indígena, o autor (2017) aponta existir ainda uma série de desafios para se fazer das escolas indígenas espaços que respeitem os modos de vida dos povos originários, pois muitas delas operam dentro de uma lógica colonizante quando, por exemplo, não possuem profissionais preparados para lidar com a realidade de uma comunidade indígena, quando operam com uma burocracia e arquitetura escolar que pouco dialoga com os tempos da aldeia e, sobretudo, quando os conhecimentos indígenas são entendidos como ciência exótica e menos verdadeira do que a ciência branca moderna e ocidental. Diante desse cenário, o professor (2017) sustenta a importância da educação intercultural nas escolas indígenas atuar como geradora de formas ancestrais de convivência. Para tanto, defende ser imprescindível reconhecer os povos originários como detentores de ciências e culturas que devem seguir vivas ao invés de serem alvos de uma política de morte e aniquilação.

Partindo deste reconhecimento, ao longo do ano de 2022, na Aldeia Ibiramã Kiriri do Acre, desenvolveu-se o projeto de extensão *“Ciclos de oficinas de criação: entre palavras, imagens e sons com Aldeia Ibiramã Kiriri do Acre”*, com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (ProEC) da Unicamp dentro do 3º Edital de Apoio a Projetos de Extensão PROEC – PEX – 2021. Este projeto, coordenado por Alik Wunder, professora da Faculdade de Educação da Unicamp e pesquisadora do Laboratório de Estudos Audiovisuais – OLHO, e elaborado e executado juntamente com o presente autor como parte de sua pesquisa de doutorado em andamento junto a este povo, teve como um de seus objetivos dar continuidade às ações da universidade junto à aldeia, em especial com professoras, professores e estudantes da EEI Ibiramã Kiriri do Acre. A referida professora já desenvolvia desde 2019 projetos de extensão com a Aldeia Ibiramã.

O objetivo geral deste projeto de extensão foi o de apoiar a EEI Ibiramã Kiriri do Acre com o desenvolvimento de atividades artísticas, culturais e educativas a partir de oficinas de criação envolvendo práticas de produções imagéticas e narrativas a partir de saberes da própria comunidade. Para tanto, buscou-se fomentar atividades junto com estudantes e professoras.es da EEI que: proporcionassem a partilha de processos de criação a partir de suas narrativas; valorizassem e oportunizassem processos de criação envolvendo diferentes linguagens



(principalmente colagem, desenho e fotografia); contribuíssem com a visibilidade e respeito da comunidade Kiriri do Acré, bem como de suas expressões estéticas e saberes; fortalecessem as ações da EEI Ibiramã Kiriri do Acré na formação de professoras.es e na criação de materiais didáticos e ações educativas que envolvessem linguagens visuais e escritas.

Ao longo das oficinas surgiu entre as.os professoras.es da EEI o desejo de escrever as histórias contadas em cada ciclo de modo a compor um segundo livro a respeito de seus saberes tradicionais. O projeto de extensão foi concluído, portanto, com o início da produção do livro que hoje recebe o título de *“Cantos e encantos de curas e de conhecimentos Kiriri do Acré”* e que se encontra, no presente momento, em fase final de edição. Escrevê-lo vem, em um primeiro momento, com o intuito de servir como base de trabalho para professoras e professores junto das disciplinas que fazem parte do currículo diferenciado da escola da aldeia, assim como também foi o motivo de se escrever o primeiro livro *“Escola Indígena Ibiramã Kiriri do Acré: livro dos saberes tradicionais”* (Ramos; Pankaru; Wunder, 2021).

Para a universidade vem sendo uma rica possibilidade de se aproximar do universo estético, cosmológico e de conhecimentos do povo Kiriri do Acré. As metodologias de trabalho em oficinas de criação desenvolvidas nesse projeto dialogam com teorizações ligadas a filosofia da diferença e estudos interculturais que aproximam e dialogam os conhecimentos acadêmicos e os conhecimentos dos povos indígenas (Costa & Wunder, 2020). Abrem perguntas que, antes de buscarem ser respondidas, acionam uma educação da atenção para as vidas que se compõem nos encontros e mobilizam as práticas das oficinas descritas e analisadas no decorrer deste artigo.

Como criar espaços de experimentação coletiva abertos aos modos de criação Kiriri do Acré? O que pode essa cosmologia encantada provocar para composições éticas-estéticas com a vida? *“Como abrir neste mundo, muitos outros mundos possíveis, pela arte do encontro na diferença?”* (Wunder & Vilela, 2017, p.15). São perguntas que abrem escutas atentas para vidas que cantam e se contam.

Praticar oficinas: perspectivas metodológicas



A perspectiva metodológica para o desenvolvimento do projeto pautou-se na prática cartográfica (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009; Passos; Kastrup; Tedesco, 2016) e na pesquisa-experimentação (Wunder; Marques; Amorim, 2016) desenvolvida em trabalhos do grupo de estudos Humor Aquoso, ligado ao Grupo de Pesquisa OLHO, da Faculdade de Educação da Unicamp.

A prática cartográfica pode ser compreendida como um método de pesquisa-intervenção que se faz no acompanhar de processos de produção da realidade, subjetivação e inventividade (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009). A cartografia enquanto prática de produção do conhecimento compreende que não há mundo e sujeito preestabelecidos ao ato de conhecer, sendo ambos uma co-emergência agenciada em um plano de experiência. Conhecer a realidade é estar presente em seu processo de produção e, portanto, propor momentos de criação coletiva é poder provocar esses processos.

Com esta compreensão abre-se um caminho de pesquisa que não é o da descoberta de uma verdade pré-existente aos encontros e afetos que atravessam corpos e criam realidades, e sim o da pesquisa como ato de criação e problematização do real social, de experimentação com o pensamento no encontro com a diferença (Wunder; Marques; Amorim, 2016). Pode-se dizer de um exercício de composição com palavras, imagens e sons ao se experimentar as múltiplas intensidades dos encontros, as quais atravessam, invadem e transformam territórios existenciais. São composições acionadas pelas linhas intensivas que se vivificam nos encontros entre o corpo de quem cartografa com corpos que atravessam seus movimentos de pesquisa. Ao tratar dos encontros, corpos e linguagens, a cartografia e a pesquisa-experimentação assumem um caráter micropolítico por estar ali onde se criam e/ou desmancham modos de viver.

É por operar com essa concepção de linguagem como criação de mundo que o projeto de extensão encontra na cartografia e na proposta de pesquisa-experimentação meios para alcançar os objetivos traçados. Para tanto, optou-se por realizar ciclos de oficinas com caráter prático – produtivo e inventivo –, cujas dinâmicas consistiram em acionar movimentos de experimentação com o desenho, a fotografia e a colagem a partir de disparadores provenientes da cosmologia Kiriri do Acré trazida pelas lideranças da aldeia[3], como por exemplo, em seus cantos do Toré e em histórias e saberes envolvendo os rios São Francisco (BA) e Rio Verde (MG).



As oficinas carregam em si a proposta de ser um espaço de encontro para partilha de experiências a partir de um experimentar-se em meio as linguagens num processo de cocriação de si e de mundos. O seu fazer está em atentar-se e colocar-se em processo de produção a partir dos materiais que servem de disparadores em uma proposta. Importa também ativar uma escuta atenta e sensível nos momentos de partilha das produções de modo a expandir as possibilidades e sentidos de uma prática. É com esse modo de fazer que as oficinas podem se constituir como um espaço de encontro para a experimentação de palavras, imagens e sentidos na composição de linguagens e mundos (Rolnik, 2007).

O trabalho foi dividido em dois momentos, sendo o primeiro semestre (fevereiro-julho) reservado para a construção das propostas dos Ciclos de Oficinas juntamente com direção, coordenação, professores e professoras da EEI Ibiramã Kiriri do Acré. O segundo semestre (agosto-dezembro) foi para a execução das oficinas e avaliação coletiva.

Vale dizer que a proposta metodológica apresentada trouxe em seu cerne o respeito e o diálogo com a comunidade, de modo que o trabalho cooperativo atravessou todas as etapas das atividades, respondendo às suas necessidades particulares e respeitando suas trajetórias, conhecimentos, técnicas e sistemas de valores.

Os ciclos e seus desdobramentos

No ano de 2022 a escola da Aldeia Ibiramã tornou-se uma Escola Estadual Indígena e, para seguir as políticas públicas de garantia e consolidação da Educação Escolar Indígena, seu modo de organização e trabalho precisou mudar. Pensar o novo currículo, que passou a englobar formalmente conhecimentos indígenas e não indígenas, e a participação efetiva da comunidade nas decisões escolares foram desafios enfrentados pela comunidade no começo do referido ano com a nova escola na aldeia. Em meio a esses desafios, as lideranças – e também diretoras da escola – encontraram nas oficinas de criação do projeto de extensão mais uma oportunidade de diálogo entre a escola e os saberes Kiriri do Acré, assim como a possibilidade de envolvimento das professoras, professores e estudantes com o novo cenário que se apresentava.



Durante a construção das propostas dos Ciclos de Oficinas, acordamos que cada ciclo acontecesse durante as disciplinas de Artes e Tecnologias do currículo diferenciado, mas que também fosse aberto à participação de pessoas da aldeia que não necessariamente frequentassem a escola. Portanto, o público alvo desenhou-se como sendo composto por alunas e alunos, professoras e professores, bem como demais pessoas da comunidade que se propusessem a estar presentes em um ou mais encontros. Elaboramos também quatro propostas de oficinas, a saber: *Ciclo I - Saberes de Toantes*; *Ciclo II - Saberes de Rio*; *Ciclo III - Saberes da Jurema*; *Ciclo IV - Saberes de Grafismos*. Cada ciclo de oficinas teve duração de 8h divididos em 2 encontros de 4h cada. Aconteceram a partir de agosto de 2022, sendo finalizado no início de dezembro do mesmo ano com uma avaliação junto à comunidade em um momento de reunião escolar.

O *Ciclo I – Saberes de Toantes* aconteceu nos dias 12 e 19 de agosto de 2022, no período da manhã. No primeiro dia estiveram presentes desde as crianças da educação infantil até estudantes do ensino médio, além de outros indígenas da aldeia. Em conversa com os professores para avaliação das atividades do dia, concluímos que reduzir o número de pessoas e trabalhar apenas com os jovens tornaria a proposta mais proveitosa e interativa. Assim, no dia 19 estiveram presentes apenas estudantes do 8º e 9º ano e ensino médio, e algumas pessoas da comunidade.

Esse primeiro ciclo propôs-se trabalhar com desenhos de cantos, uma prática inspirada na exposição “*MAHKU – Cantos de Imagens*”, do coletivo MAHKU (Movimento dos Artistas Huni Kuin)[4]. Assim, no primeiro encontro ouvimos do pajé da aldeia e também da anciã, histórias a respeito da criação e transmissão de cantos e os ensinamentos que eles podem trazer. Escutamos também ao toante “*Meu Papagaio Amarelo*”[5], o qual foi escolhido para ser desenhado na atividade do dia 12 de agosto. A partir dessas partilhas e escutas, as pessoas presentes puderam criar seus movimentos de desenho com o referido toante. Ao final do processo havia a intenção de uma conversa que trouxesse as experiências de criações, mas devido ao maior número de pessoas, não foi possível realizá-la.



Figura 1 – desenho do toante Papagaio Amarelo
Fonte: acervo do autor

O segundo encontro do primeiro ciclo aconteceu no dia 19 de agosto e seguiu a mesma sequência, ou seja, com o pajé e a anciã da aldeia compartilhando saberes de cantos, sendo que dessa vez escutamos ao toante “Na mata eu vi brilhar”[6]. Já com um número menor de pessoas presentes, foi possível dedicar mais tempo à produção do desenho – pensar caminhos para trazer ao papel aquilo que se desejava, estudar a letra e fazer relações com as experiências já vividas na aldeia – e, ao final, realizar uma conversa para que as pessoas falassem a respeito de suas criações.



Figura 2 – desenho do toante “Na mata eu vi brilhar”



Fonte: acervo do autor

O *Ciclo II – Saberes de Rio* aconteceu nos dias 09 e 16 de setembro, no período da tarde com as turmas do 8º e 9º ano do ensino fundamental e o ensino médio. Também estiveram presentes outros professores da aldeia, assim como a anciã e moradores. No primeiro encontro deste ciclo ouvimos diversas histórias que relacionavam práticas de cuidado com as águas (o uso das palavras, modos de pescar e se banhar) e os Mestres Encantados que nelas vivem e que são seus verdadeiros donos. Histórias envolvendo tanto o Rio Verde, que passa na aldeia em Minas Gerais, como o Rio São Francisco, que banha a aldeia em Muquém do São Francisco na Bahia, também chegaram para o encontro. A relação com o Rio Verde identifica o povo Kiriri que ali vive: Kiriri do Acré na língua tupi-guarani, ou então, em português, Kiriri do Rio Verde. Após o momento de partilha das histórias, todos desceram até às margens do Rio Verde para fazer suas fotografias. Duas perguntas disparadoras acompanharam os movimentos fotográficos deste dia: “Como trazer para a foto o modo que os encantados do rio nos veem/veem a aldeia? Como fotografar o que as águas nos ensinam?”. Após o encontro, todas as fotos foram compartilhadas em um grupo de whatsapp criado para este fim.

A proposta do encontro do dia 16 de setembro foi fazer colagens a partir das imagens e saberes de rio partilhadas na semana anterior. As fotografias feitas no dia 09 foram reveladas e dispostas em uma mesa no centro da sala, ao redor da qual as pessoas conseguiam circular e se relacionar com as imagens ali presentes. Nela também estavam imagens das produções artísticas de artistas indígenas contemporâneos: Daiara Tukano, Denilson Baniwa e Xadalu Tupã Jekupé. A colagem pretendia acionar a potência da imagem no contar de uma história sem necessariamente estar sob o signo da palavra explicadora. Recortar e colar, montar imagens como uma possibilidade de produção de sentidos a partir da experiência com os rios e suas histórias e saberes. Ao final das produções do dia, as presentes falaram um pouco a respeito de seus processos de criação.



Figura 3 – desenho-colagem produzido no Ciclo “Saberes de Rio”

Fonte: acervo do autor

O *Ciclo III - Saberes da Jurema* aconteceu nos dias 21 e 28 de setembro pela manhã. Devido à proximidade das eleições presidenciais optamos por fazer este ciclo logo na semana subsequente para evitar qualquer imprevisto de outra ordem. Os encaminhamentos das atividades seguiram a mesma sequência do ciclo anterior, portanto, no primeiro encontro o pajé da aldeia contou histórias da Jurema, trazendo a dimensão fundante que esta planta tem na cosmogonia do povo Kiriri do Acré. Estavam presentes as turmas do 8º e 9º ano do ensino fundamental, o ensino médio, algumas professoras e professores da escola e outras pessoas da aldeia. Permeados pelas palavras do pajé, duas perguntas serviram como disparadoras dos movimentos fotográficos deste dia: “Como a Jurema nos vê/vê a aldeia? Como trazer para a foto a presença da Jurema nos fazeres do dia-a-dia?”. Uma caminhada até o pé de Jurema e, em seguida, até a Casa da Ciência na mata inspiraram as produções imagéticas que, ao final, foram compartilhadas no grupo de whatsapp.

O dia 28 de setembro, foi dedicado às colagens. A dinâmica contou com as fotografias produzidas no encontro anterior, as quais foram reveladas e postas em uma mesa central da sala da biblioteca. Esta mesma mesa também contava com imagens de produções de artistas indígenas contemporâneos – Gustavo Caboco, Tamikuã Tixihi e Yacunã Tuxá –, trechos de livros da literatura



indígena e outras fotografias do povo Kiriri do Acre produzidas em momentos de suas festividades e apresentações públicas de Toré. Na compreensão de que a Jurema é uma planta ao mesmo tempo que uma mestra que ensina, protege e conduz (NARBY & PIZURI, 2022), o professor da disciplina de artes da aldeia fez as perguntas para as produções do dia: “O que a Jurema nos ensina? Como podemos trazer para a colagem os ensinamentos que temos com a Jurema?”. Com esta indagação, junto das imagens e histórias da semana passada, as pessoas presentes iniciaram suas colagens. Ao final, todas as produções foram postas sobre a mesa e, ao invés de cada um falar de seu processo criativo, propusemos falar o que sentíamos a partir de alguma outra produção que não a sua própria. “O que lhe chama a atenção nessas imagens e o que elas te convidam a pensar?”, foram perguntas para o momento da conversa final.



Figura 4 – desenho-colagem produzido no ciclo “Saber da Jurema”

Fonte: acervo do autor

O mês de outubro foi atravessado pelas eleições e, portanto, não fizemos nenhum encontro dos ciclos de oficinas. Entretanto, outra atividade foi proposta e realizada: uma visita ao Museu das Culturas Indígenas na cidade de São Paulo no dia 22 do mesmo mês. Este Museu tem recebido e promovido exposições e atividades relacionadas à proteção, difusão e valorização do patrimônio cultural indígena de modo a fortalecer o protagonismo dos povos originários. Nesta visita, quinze indígenas Kiriri do Acre, recebidos por parentes Guaranis, foram convidados a cantar e dançar o seu



Toré no espaço de vivências do museu. Também tiveram a oportunidade de conversar com parentes e ouvir a fala de Timóteo Verá Popyguá (liderança Guarani), assim como ver as obras da exposição de Xadalu Tupã Jekupé e produções audiovisuais de povos indígenas. Foi um dia de diálogos plurais e de partilha com outros povos a respeito de suas memórias e saberes.

Nos dias 18 e 25 de novembro aconteceram os encontros do *Ciclo IV - Saberes de Grafismos*. Ambos aconteceram no período da manhã e, inicialmente, havia a ideia de se realizar pinturas corporais com os grafismos Kiriri do Acré enquanto, em meio a essa experiência, conversaríamos a respeito do tema. Entretanto, no dia 18, ao ponderar sobre qual seria a melhor opção para os estudantes e para a escola, optou-se por pintar uma parede da sala de educação infantil. Os grafismos estão presentes nas pinturas das paredes da escola e, portanto, pintar a referida sala contribuiria com uma ação que já vinha sendo pensada e desejada há algum tempo pelas professoras e professores da aldeia. Além disso, conjugaria com a intenção de envolver estudantes na ação de pintar grafismos e outros desenhos na escola também como um modo de aprender seus significados, pois os coloca diretamente em contato com esse fazer-saber ancestral que atravessa gerações Kiriri e integra seus modos de educar, suas artes e sua cosmopolítica. Desse modo, no próprio dia 18 foi possível realizar os desenhos e as pinturas dos grafismos em uma sala de educação infantil.

Na manhã de 25 de novembro foi a vez de uma parede externa da área circular da escola receber um desenho feito a muitas mãos. Inicialmente houve uma conversa entre estudantes e professoras.es para decidir qual seria a imagem a ser desenhada. Em seguida iniciaram-se os primeiros traços com lápis de modo a se delinear os espaços a serem pintados. A pintura começou nesta mesma manhã, mas não foi finalizada durante o encontro, pois demandava um tempo maior. Mesmo sem os encontros oficiais do Ciclo de Oficinas, os estudantes e professoras.es da escola seguiram na pintura e finalizaram o processo no meio da semana seguinte. Durante a pintura desta parede, algumas conversas com professoras e professores foram trazendo o desejo de se escrever um segundo livro para a escola a partir dos saberes envolvidos nas temáticas dos ciclos, ou seja, um livro que contivesse saberes de cantos, de rio, da jurema e de grafismos. Havia, no projeto de extensão, a intenção de se realizar uma exposição dentro e/ou fora da aldeia com as colagens feitas,



mas diante da proposição de construção do livro, esta ideia inicial foi deixada de lado para darmos início a organização da escrita.

Em reunião no dia 16 de dezembro, ao se apresentar para a comunidade os resultados do ciclo de oficinas e a proposta de se construir coletivamente um segundo livro com os saberes do povo Kiriri do Acré, a ideia foi acolhida sem ressalvas por toda a comunidade e uma data para o início de construção do referido livro foi acordada. Assim, o projeto de extensão finalizou-se com o início da produção do que hoje recebe o título de “*Cantos e encantos de curas e de conhecimentos Kiriri do Acré*”, segundo livro confeccionado na aldeia em parceria com a universidade e que se encontra em fase final de edição.

A proposta dos Ciclos de Oficinas foi aos poucos ganhando espaço na escola, sempre a partir de encontros e conversas com as lideranças e professoras.es da aldeia. No período de sua elaboração foi fundamental a relação de confiança e amizade que se estabeleceu entre a comunidade e o executor da proposta. O número de pessoas presentes foi se alterando a cada Ciclo de acordo com a temática, mantendo-se sempre os estudantes e professores. Os dias eram sempre decididos juntamente com a coordenação escolar e professoras.es responsáveis pelas disciplinas, respeitando assim o calendário de atividades da escola e da aldeia.

Os Ciclos de Oficinas encontraram um espaço formal para sua execução quando se fez necessário a implementação do currículo diferenciado na escola a partir de 2022. Nesse processo, a escola se autonomizou enquanto Escola Estadual Indígena, criando seu próprio Projeto Político Pedagógico e desvinculando-se da escola sede localizada na cidade de Caldas (MG). Na implementação da EEI Ibiramã Kiriri do Acré, novos caminhos didáticos e pedagógicos precisaram ser pensados, trilhados e aprendidos enquanto comunidade, uma vez que a relação aldeia-escola é uma relação comunitária atravessada por elementos do mundo indígena e do não-indígena que chegam, também, por essa mesma escola. Assim, as oficinas puderam vir a ser mais um campo de diálogo entre saberes Kiriri do Acré com a instituição escolar e servir como apoio no desenvolvimento de atividades dentro de disciplinas específicas do currículo diferenciado que acabava de chegar para professoras e professores.



Cantar, contar, imagear

Histórias e cantos que movimentam composições com imagens: desenhos, fotografias, colagens. Como um canto move a desenhar? Como um rio move a fotografar? Como outras imagens chegam a partir daquelas já criadas? Construção de sentidos desde o chão em que se pisa. Por vezes buscou-se o celular para encontrar uma imagem externa que servisse como referência quando não se sabia como encontrar seus próprios modos de expressão. Essas imagens, muitas vezes, traziam o universo estereotipado do índio que, por ser uma categoria instituída pelo colonizador europeu, apaga as tantas diferenças existentes entre os povos originários e os encerra dentro de uma uniformização incoerente com a realidade que vivem e praticam.



Figura 5 – desenho do toante “Meu papagaio amarelo”
Fonte: acervo do autor

Uma proposta desafiadora surgiu a partir de então para as/os estudantes: ao invés de se usar o celular para buscar uma imagem, tentar encontrar um traço próprio a partir de suas experiências na aldeia que expressasse suas vivências. Desse modo, seus processos criativos podiam ganhar formas de expressão mais singulares ao invés de se trabalhar com uma imagem mais pronta e estereotipada. Entre um encontro e outro, também surgiam tensões bastante comuns a uma escola como, por exemplo, preocupar-se em dar a resposta correta aos do professor-executor do projeto



e que, em seguida, supostamente iria avaliar a turma com uma prova para verificar as aprendizagens dos conteúdos passados em sala de aula. Mas essas questões eram menos importantes para as oficinas do que atentar-se ao quanto uma escola e as pessoas que ali se encontram se abrem e se deixam atravessar e compor com imagens, palavras e sons de suas próprias histórias e saberes.



Figura 6: desenho do toante “Na mata eu vi brilhar”
Fonte: acervo do autor

Criar pontes entre mundos, escolares e indígenas, faz-se necessário para que a escola Kiriri continue a ser a comunidade e a comunidade, escola. Essa relação é um dos pilares e uma das lutas deste povo, como sempre enfatizou Carliusa Francisca Ramos, diretora da escola. Ponte como potência de abertura para práticas e saberes escolares de mundos outros que não para a dominação, colonização e docilização de tempos e corpos indígenas, de modo a fazer circular pelo espaço produções que mantenham viva a transmissão de seus modos de educar, pensar, conhecer e viver. A EEI Ibiramã Kiriri do Acré, ainda sendo uma escola, não deixa de carregar consigo todo um aparato pedagógico disciplinador presentes nos operadores históricos dessa instituição ocidentalizante que separa e coloniza corpos e mentes.



Permeiar e pensar o educar e o fazer escolar com vida indígena, com vida Kiriri do Acré, é retomar a escola e suas práticas desde um lugar onde cosmologias indígenas sejam propulsoras e criadoras de encontros entre constelações de seres, visíveis e não-visíveis, humanos, não humanos e outros-que-humanos, adentrando dimensões éticas que podem reavivar a educação escolar no diálogo com as mais diversas manifestações de vida existentes na natureza (Takuá, 2020; 2022). É também pensar e praticar um educar que desloque a universalidade da ciência branca moderna ocidental para trazer a força de formas de conhecimentos que sofreram com o epistemicídio e tiveram suas bases de saber deslegitimadas por práticas racistas e colonizadoras (Carneiro, 2023). Questionar, portanto, a centralidade do humano e a ideia de humanidade que marca a vida moderna no mundo ocidental e nos processos educativos, como tão bem atenta e ensina Ailton Krenak (2019; 2020a; 2022) em suas valiosas críticas ao Antropoceno. Neste sentido, encontrar meios para fazer circular histórias, saberes e estéticas Kiriri do Acré no espaço-tempo escolar é resistir e se afirmar frente a um mundo que tenta promover o apagamento de seus modos de vida. Como afirma Ailton Krenak (2020b), o pensamento indígena prevalece desde sua base ancestral e resiste de um lugar fundado na memória.



Figura 7 – colagem do ciclo “Saberes da Jurema”

Fonte: acervo do autor



Nos encontros dos ciclos de oficinas partilhou-se saberes: de cantos, de rios, da jurema, de grafismos. A cada conversa em torno desses assuntos, uma miríade de histórias era trazida e abria para outras tantas ainda por dizer. Eram conversas que começavam e terminavam pelo meio, não chegavam ao fim, presentificando um movimento circular do tempo da palavra, afastando a lógica linear que coloniza modos de pensar distintos dos do mundo ocidental capitalístico (Rolnik, 2018). As histórias chegavam entrelaçadas sempre com algum canto e, de canto a canto, na partilha das experiências, uma ecologia de saberes se tecia pela oralidade ali presente de tal modo que rio, mata e jurema também confluíam pelos diversos assuntos tratados, borrando uma vez mais as dicotomias tão presentes e propagadas no pensamento moderno ocidental e na lógica disciplinar das escolas.

Memórias, sentidos e afetos circulam, permitindo a abertura para uma experiência de fronteira que, como traz Nêgo Bispo em entrevista à Dandara Dorneles (2021), é coisa da circularidade e, portanto, difere da ideia de fronteira como limite que separa um e outro. Em suas palavras:

As fronteiras se movem, avançam, recuam, mas elas nunca devem ser ultrapassadas. Porque se a gente ultrapassar deixa de ser fronteira e passa a ser limite. E limite é uma coisa colonialista. Limite é uma coisa da linearidade, da verticalidade, e fronteira é uma coisa da circularidade. A roda não tem fim, a roda tem começo, meio e começo de novo. A roda não tem fim! É por isso que a gente faz essas discussões, porque a nossa vida não tem fim. São geração vó, geração mãe, geração neta, geração neta, geração mãe, geração vó. Então essa é a circularidade que nos fortalece (DORNELES, 2021, p.25).

Essa experiência de fronteira como encontro que implica os seres uns com os outros pela circularidade, vem juntamente com a ancestralidade presente nos modos de transmissão dos saberes de um povo. Assim também foi com os Kiriri do Acré nos momentos em que a anciã e as lideranças da aldeia contaram suas histórias, inspirando e orientando quem as ouviu. Esses saberes e práticas da oralidade, que estiveram presentes nos ciclos de oficinas, são políticas da palavra que colocam o movimento circular em ação. Pelos dizeres de Nêgo Bispo (Dorneles, 2021), essas palavras são germinantes pois, vivas, fazem brotar vida nos corpos de quem as presencia na tessitura dessa ecologia de saberes pela oralidade.

As nossas palavras são germinantes, são sementes. Nós da oralidade somos lavradores e lavradoras de palavras, mas na escrita também se lavra palavra. [...].



Essas palavras vão ser armazenadas nas mentes e vão alimentar. Elas são alimentos, são frutos que vão alimentar os sentidos, todos os sentidos. E assim as palavras vão nos movendo pela oralidade, pela escrita ou pelas imagens. [...]. É que a palavra germinante tem trajetória. Ela é uma palavra cosmológica. Ela é uma palavra viva (DORNELES, 2021, p.20).

Pelas oficinas foi possível gerar movimentos de criação a partir de suas narrativas e palavras germinantes. Ao final do projeto de extensão, um certo material de registro a partir dos desenhos, fotografias e colagens também estava construído, lançando outras possibilidades criativas a partir deles, como foi o caso da ideia de se escrever coletivamente um segundo livro. Produzir esses materiais abarca uma experiência educativa em amplos aspectos e sentidos: é um marcador histórico; traz visibilidades indígenas que operam também como forma de afirmar a identidade indígena que, muitas vezes, lhes é desconfiada ou negada; transforma a experiência escolar marcadamente ocidental da letra alfabética e da imagem ao reativar memórias e ancestralidade e colocá-las em circulação para criações com desenhos, fotografias e colagens. Maria Inês de Almeida (2014), pesquisadora da produção de materiais didáticos com professores indígenas, ao tratar das textualidades indígenas que inscrevem a ancestralidade no desenho, nas imagens e na escrita desses materiais, sugere o paradigma da *“Estética Orgânica”*, a qual coloca em cena toda uma poética indígena. Ela assim explica: “É pôr em linguagem (grafia) própria (auto-) todo o vivo (bio-). É apanhar a dobra dos mundos (uma janela que dá para o que não se vê, e está aí) no ressalto de uma frase” (Almeida, 2014, p.23).



Figura 8 – desenho-colagem do ciclo “Saber da Jurema”

Fonte: acervo do autor

Os Kiriri do Acre quando contam suas histórias jogam quem os ouve na gira do tempo, que é também gira de suas palavras germinantes. Gira é onde se cruzam corpos, espaços e tempos, avivando saberes e gramáticas não lineares que extrapolam os limites do espaço como território e propriedade, abrindo para uma experiência complexa da realidade onde atual e virtual entram num movimento de troca e comunicação constante, assegurando passagens e conversões entre eles (Deleuze, 2018). Segundo Deleuze, em diálogo com Claire Parnet (1998, p.121),

Toda multiplicidade implica elementos atuais e virtuais. Não há objeto puramente atual. Todo atual se envolve de uma névoa de imagens virtuais. Tal névoa se eleva de circuitos coexistentes mais ou menos extensos, sobre os quais as imagens virtuais se distribuem e correm. É assim que partícula atual emite e absorve virtuais mais ou menos próximos, de diferentes ordens.

É nesse cruzar que as palavras Kiriri do Acre tornam indiscerníveis os polos virtuais e atuais, fazendo-os correr um sobre o outro, conectando seres e espiralando a vida numa ancestralidade presente que interrompe a ordem do pensamento moderno, branco e capital. Ciência Kiriri do Acre. Essa indiscernibilidade entre os polos, distinta de uma confusão entre eles (DELEUZE, 2018), ativa uma espécie de pensamento selvagem ao acionar um campo intensivo de composição e/ou decomposição de mundos com as forças que o atravessam – uma fricção do nosso corpo com a vida. É desde aí que, como propõe Denise Ferreira da Silva (2019), os seres *imageiam* uns nos outros, pois



estão todos implicados atual e virtualmente numa co-composição de mundos.

Ferreira da Silva (2019), filósofa e artista visual, usa o verbo *imagear* para diferenciar a imagem que circula no modo de vida capital e ocidental das imagens presentes na poética preta feminista. Ela aponta que no “Mundo Ordenado” da modernidade e do poder capital, o tempo é necessariamente linear, o espaço está encerrado na noção de propriedade, o acúmulo de capital se dá pelo trabalho escravo e invasão de terras indígenas e o sujeito é tido como uma substância pura separada do mundo. Diante desse cenário, a artista defende que poéticas e gramáticas negras feministas são poéticas e gramáticas da *implicabilidade* de uns nos outros e, assim, *imagear* é uma prática das imagens em um mundo implicado, um mundo onde o conteúdo de cada corpo está implicado um no outro – atual e virtualmente. Os seres são emaranhados vivos: *corpus infinitum*, diz Ferreira da Silva (2019).

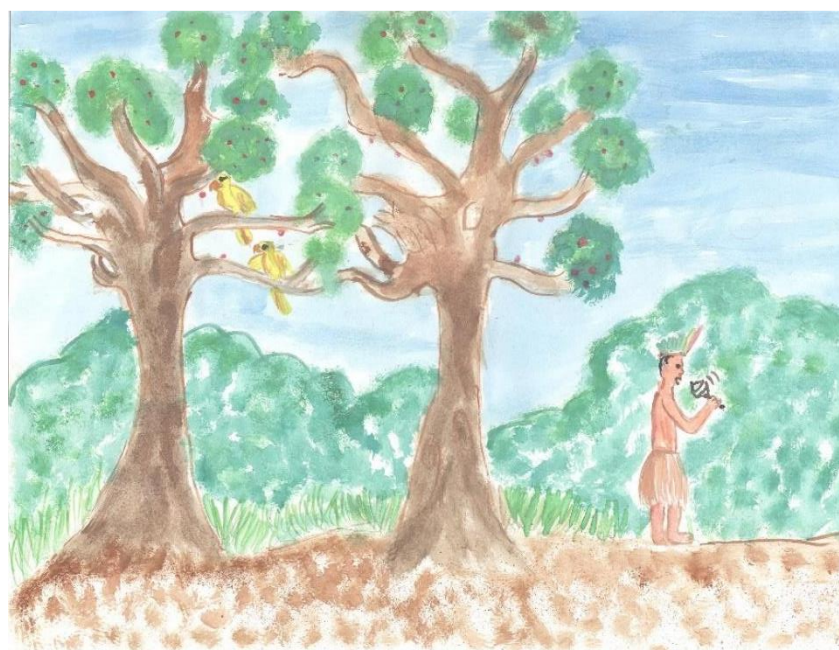


Figura 9 – desenho do toante “Meu papagaio amarelo”

Fonte: acervo do autor

Imagear como verbo de um mundo implicado, no qual a diferença entre os seres não é separação, mas justa implicação e composição. Portanto, um verbo para tratar do emaranhado de co-existências que torna possível seres *imagear* uns com os outros como um modo de cuidar dos mundos em nascença. *Imagear* são saberes e mundos que rompem com a construção do sujeito



moderno. Aproximando essa concepção de Ferreira da Silva (2019) para a experiência dos ciclos de oficinas, pode-se dizer que ali, de alguma forma, foi um espaço de “fricções interculturais” (Almeida, 2014), de encontro entre modos de pensar, ser e estar no mundo, de se implicar uns com os outros e experimentar um imagear de mundos com o sopro encantado de seus Mestres que chegava até nós por meio do pajé, da anciã e conselheiras.

Os saberes que circularam em cada encontro dos ciclos de oficinas eram inseparáveis dos Mestres Encantados que habitam o cosmos Kiriri do Acré. São seres que transgridem as lógicas duais da modernidade ocidental e ultrapassam a noção dicotômica e biológica entre morte e vida (Simas & Rufino, 2020), entrelaçando vidas, seres e tempos numa cosmopolítica. Em meio às avaliações dos ciclos de oficinas, em conversas com as conselheiras e pajé da aldeia, afirmaram algumas vezes que as histórias e os cantos contados chegaram pelo sopro ancestral de seus Mestres Encantados.

Segundo ressaltaram algumas vezes o cacique e pajé da aldeia, é da natureza que vem a força e a ciência do povo Kiriri do Acré. Da mata recebem suas orientações e proteção, tiram seus remédios e obtêm sua cura espiritual e corporal. Com as águas e as ervas fazem banhos que limpam e protegem seus corpos; com elas também se banham na espiritualidade que os fortalece. Pelos grafismos que ocupam as paredes da escola, contam histórias e lutas de sobrevivência de seus antepassados; celebram a vida de uma natureza que sempre foi, é e será a morada de seus ancestrais. Essa relação se sustenta através de uma ética que se estende às mais diversas formas de vida que compõe seus sistemas de relações e que, sem o devido respeito, podem trazer males e afetar negativamente a vida de toda a aldeia. Assim, os saberes Kiriri do Acré envolvem um respeitar dos saberes encantados que vem da natureza. Essa é sua Ciência, uma implicação entre os seres que é, ao mesmo tempo, uma diferenciação para que a vida siga em composição.

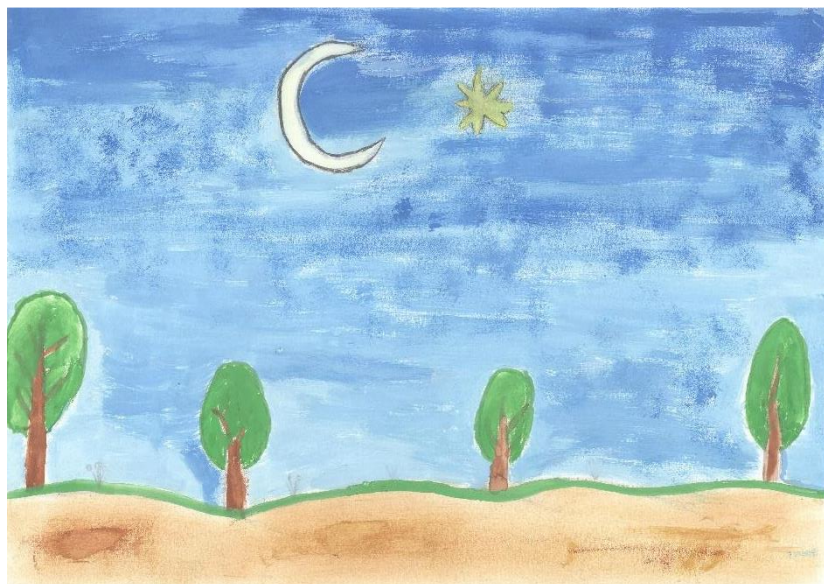


Figura 10 – desenho do toante “Na mata eu vi brilhar”

Fonte: acervo do autor

Bibliografia

ALMEIDA, Maria Inês de. O caminho de um pensamento vivo e a estética orgânica – a escola indígena, a partir da experiência literária. **Revista Patrimônio e Memória**, São Paulo: Unesp, v.10, n.2, p.17-34, jul./dez. 2014.

APINAJÉ, Júlio Kamêr Ribeiro. Processo de educação intercultural: possíveis reflexões. LANDA, Mariano Báez; HERBETTA, Alexandre Ferraz (orgs.). **Educação Indígena e interculturalidade: um debate epistemológico e político**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, p.74-81, 2017.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COHN, Clarice; SANTANA, José Valdir Jesus de. A antropologia e as experiências escolares indígenas. **Repocs**, v.13, n.25, p.61-86, jan/jun 2016.

COSTA, Ana Carolina Brambilla; WUNDER, Alik. Encontros com-fabulatórios: criações imagéticas em ventos indígenas e afro-brasileiros. **Revista Educação Temática Digital**, vol.22, n.4, p. 990-1009, 2020.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 2 – A imagem-tempo**. São Paulo: Editora 34, 2018.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DORNELES, Dandara Rodrigues. Palavras germinantes: entrevista com Nêgo Bispo. **Revista Identidade!**, São Leopoldo, vol.26, n.1 e 2, p.14-26, jan./dez. 2021.



FERREIRA da SILVA, Denise. **A dívida impagável**. Casa do Povo, São Paulo: 2019.

HENRIQUE, Fernanda Borges. As múltiplas agências dos encantados: esboço de uma teoria política kiriri. **Antípoda, Revista de Antropología y Arqueología**. Bogotá (Colômbia), n. 41, p.57-77, out./dez. 2020.

KNAPP, Cássio; MARTINS, Andérbio Márcio Silva. Alguns apontamentos para a efetivação de uma educação escolar indígena específica e diferenciada: identificando os desafios e construindo possibilidades. LANDA, Mariano Báez; HERBETTA, Alexandre Ferraz (orgs.). **Educação Indígena e interculturalidade: um debate epistemológico e político**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, p.82-115, 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ªed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

KRENAK, Ailton. A gente resiste de um lugar fundado na nossa memória (pp.97-106). In: Fundação Bienal de São Paulo. **Primeiros Ensaios**: publicação educativa da 34ª Bienal de São Paulo. São Paulo: Bienal de São Paulo, p.97-106, 2020a.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1ªed. São Paulo: Companhia das letras, 2020b.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. 1ªed. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

NARBY, Jeremy; PIZURI, Rafael Chanchari. **Plantas mestras**: tabaco e ayahuasca. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2022.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2016.

RAMOS, Carliusa Francisca; PANKARU, Roseni Ramos; WUNDER, Alik. (Orgs.) **Escola Indígena Ibiramã Kiriri do Acré**: livro dos saberes tradicionais. Caldas: UK'A, 2021.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina/Ed, UFRGS, 2007.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROLNIK, Suely. Las arañas, los guaraníes y algunos europeos: otros apuntes para descolonizar el inconsciente. **Revista F-ILIA**, Nº 5, Guayaquil, Ecuador, abril, 2022.



SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento**: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

TAKUÁ, Cristine. Seres criativos da floresta. **Cadernos Selvagens**, transcrito por Camila Vaz, publicação digital, Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020. Disponível em: https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CADERNO_4_TAKUA.pdf

TAKUÁ, Cristine. Escolas vivas. **Cadernos Selvagens**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, Biosferas, 2022. Disponível em: https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2022/05/CADERNO43_TAKUA.pdf

WUNDER, Alik. Encontros com poéticas indígenas, férteis fronteiras entre a educação e as artes. In: **Revista Quaestio**, Sorocaba, SP, v.19, n.3, p.513-527, 2017.

WUNDER, Alik; MARQUES, Davina; RODRIGUES DE AMORIN, Antonio Carlos. Pesquisa-experimentação com imagens, palavras e sons: forças e atravessamentos. **Revista Visualidades**, Goiânia, v.14, n.1, p.104-127, 2016.

WUNDER, Alik; VILELA, Alice. (In)visibilidades e poéticas indígenas na escola: atravessamentos imagéticos. **Revista Teias**: micropolítica, democracia e educação, v.18, n.51, 14-32, 2017.

Recebido em: 01/03/2024

Aceito em: 01/06/2024

[1] Doutorando na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Email: racanascimento@gmail.com

[2] A antropóloga Fernanda Borges Henrique (2020) opta por utilizar o termo “outros-que-humanos” para tratar da diversidade de seres que compõem o cosmos Kiriri, sobretudo os Mestres Encantados, seres ancestrais e centrais na cosmologia Kiriri do Acré e de tantos outros povos do nordeste brasileiro.

[3] As lideranças da aldeia Ibiramã Kiriri do Acré são compostas pela anciã, duas conselheiras, o cacique e o pajé.



[4] A exposição “MAHKU – Cantos de imagens”, com curadoria de Ibã Huni Kuin e Daniel Dinato, aconteceu na Casa de Cultura do Parque (SP), em parceria com a Carmo Johnson Projects, de 02 de julho a 18 de setembro de 2022. O MAHKU é um coletivo de artistas e pesquisadores Huni Kuin, povo indígena de cerca de 14 mil pessoas que vive no estado do Acre e no Peru. Para mais informações, acessar: <https://ccparque.com/mahku-cantos-de-imagem/>

[5] O toante “Meu papagaio amarelo” pode ser ouvido no link: https://www.youtube.com/watch?v=sZ0H4un_3kE

[6] O toante “Na mata eu vi brilhar” pode ser ouvido no link https://www.youtube.com/watch?v=Hh_aBCAUG9Q